



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

THAYANNE LIRA BARBOSA

**IMPORTÂNCIA DO ACOMPANHANTE TERAPÊUTICO NA INCLUSÃO DE UMA
CRIANÇA AUTISTA NA ESCOLA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

**CAMPINA GRANDE
2017**

THAYANNE LIRA BARBOSA

**IMPORTÂNCIA DO ACOMPANHANTE TERAPÊUTICO NA INCLUSÃO DE UMA
CRIANÇA AUTISTA NA ESCOLA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Pedagogia da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito para a obtenção do
Título de Licenciada em Pedagogia.
Área de concentração: Educação Inclusiva.

Orientadora: Prof^ª. Me. Livânia Beltrão
Tavares.

**CAMPINA GRANDE
2017**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B238i Barbosa, Thyanne Lira
Importância do acompanhante terapêutico na inclusão de uma criança autista na escola [manuscrito] : um relato de experiência / Thyanne Lira Barbosa. - 2017.
28 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.

"Orientação: Profa. Ma. Livânia Beltrão Tavares, Departamento de Pedagogia".

1. Acompanhante Terapêutico. 2. Autismo. 3. Mediação Pedagógica. 4. Educação Inclusiva. I. Título.

21. ed. CDD 371.94

THAYANNE LIRA BARBOSA

IMPORTÂNCIA DO ACOMPANHANTE TERAPEUTICO NA INCLUSÃO DE UMA
CRIANÇA AUTISTA NA ESCOLA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Pedagogia da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito para a obtenção do
Título de Licenciada em Pedagogia.

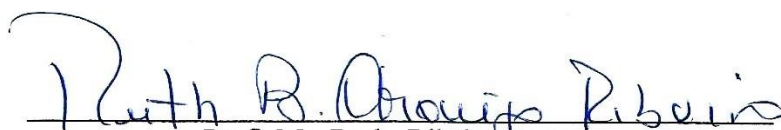
Área de concentração: Educação Inclusiva.

Aprovada em: 28/07/2017

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Me. Livânia Beltrão Tavares (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a Me. Ruth. Ribeiro Santana
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a Dr.^a Diana Sampaio Braga
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a **Deus** por ter me dado saúde, forças e coragem para superar as dificuldades e chegar até aqui. Obrigada Senhor por tudo!

Aos meus pais, **Eliane Maria Lira Barbosa** e **Hélio Alves Barbosa** pelo apoio e amor incondicional.

À minha irmã **Thayse Lira Barbosa** que junto comigo enfrentou muitos obstáculos da vida. Agradeço por todo companheirismo e cumplicidade.

Ao meu Noivo e futuro Esposo **Wallace Costa Cavalcanti** pela paciência, apoio, incentivo e colaboração para a realização desse sonho.

Ao meu futuro cunhado **Arthur Felipe Silva Rodrigues** por todo apoio, incentivo e por ter dividido algumas lágrimas comigo nos momentos aflitos da minha carreira acadêmica.

À minha Orientadora **Livânia Beltrão Tavares** pelo suporte no pouco tempo que lhe coube. Obrigada por toda dedicação e comprometimento em me orientar.

Aos meus colegas de curso que ao longo desses 5 anos, sempre me respeitaram e me acolheram com carinho. Em especial a **Renata Gomes Farias** e **Ane Michele Lima Ramos** por sempre está junto comigo nos congressos, nos momentos de estudo e lazer, pelo companheirismo e amizade ao longo desse curso. São momentos eternizados em minha vida.

A todos os meus professores da Educação Básica até o Ensino Superior por ter colaborado para a minha formação.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado!

“(...) cada criança tem características, interesses, capacidades e necessidades de aprendizagem que lhe são próprios. Os sistemas educativos devem ser projetados e programas ampliados de modo que tenham em vista toda gama dessas diferentes características e necessidades”.

(Declaração de Salamanca)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	REFERENCIAL TEÓRICO	8
2.1	Breve Histórico sobre Autismo	8
2.2	Inclusão Educacional	11
2.3	Acompanhamento Terapêutico	13
3	METODOLOGIA	14
4	O ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO ESCOLAR - RELATO DE EXPERIÊNCIA	14
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	16
	REFERÊNCIAS	18
	APÊNDICE A – TRABALHANDO A COORDENAÇÃO MOTORA	20
	APÊNDICE B – TRABALHO COM NUMERAIS NO INÍCIO E FIM DO ACOMPANHAMENTO	21
	APÊNDICE C - TRABALHO COM SÍLABAS NO INÍCIO E FIM DO ACOMPANHAMENTO	22
	APÊNDICE D – INTERPRETAÇÃO DE IMAGENS	26
	APÊNDICE E - TRABALHO COM DESENHO LIVRE NO INÍCIO E FIM DO ACOMPANHAMENTO	27
	APÊNDICE F - TRABALHO COM PINTURA NO INÍCIO E FIM DO ACOMPANHAMENTO	28

IMPORTÂNCIA DO ACOMPANHANTE TERAPÊUTICO NA INCLUSÃO DE UMA CRIANÇA AUTISTA NA ESCOLA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Thayanne Lira Barbosa¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência do acompanhamento terapêutico no processo de inclusão de uma criança autista na escola. Para isso, relatamos a experiência que vivenciamos em uma escola de rede pública de ensino na cidade de Campina Grande, Paraíba no bairro da Liberdade. O trabalho desenvolvido há mais de 1 ano e 7 meses, vem promovendo discussões acerca do trabalho do Acompanhante terapêutico, bem como suas contribuições e desafios. Temos como foco de discussão o trabalho do AT de uma criança com Transtorno do Espectro Autismo (TEA), aluna do 2º ano fundamental, do sexo feminino com 8 (oito) anos de idade, residente de Campina Grande- PB. Como referencial teórico, utilizamos autores como Leboyer (1987), Gómez e Terán (2014), Cunha (2015), entre outros e a leitura de documentos norteadores da Educação Inclusiva como o Manual de Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais – DSM V e a Lei 9394/96, que trata da Educação Especial. Os resultados mostram que a presença do acompanhante terapêutico na escola promoveu um grande avanço no sujeito, suas estratégias pedagógicas fizeram com que o seu aluno se tornasse cada vez mais autônomo e sua prática se tornou um importante recurso para a inclusão escolar.

Palavras-chave: Acompanhante Terapêutico. Autismo. Mediação Pedagógica. Educação Inclusiva.

1 INTRODUÇÃO

O estudo do autismo vem proporcionando um amplo espaço para pesquisas no meio educacional, as características dessa síndrome trazem consigo uma variedade de desafios. Apesar dos avanços da Educação Inclusiva, ainda é necessária a implementação de ações e recursos que favoreçam o desenvolvimento e o aprendizado dessas crianças.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma síndrome presente desde o nascimento e os sintomas se manifestam nos primeiros anos de vida da criança, provenientes de causas ainda desconhecidas. A pessoa com autismo possui atraso global de desenvolvimento, que dificulta a sua capacidade de interação com outro indivíduo (socialização e comunicação) e uma ausência ou severo atraso na linguagem. O autismo é um conjunto de sintomas iniciados na infância, eles normalmente aparecem durante os primeiros três anos da criança e continuam por toda a sua vida (CUNHA, 2015).

¹ Aluna de Graduação em Pedagogia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
E-mail: barbosathay@hotmail.com

As causas do autismo ainda são desconhecidas, mas acredita-se que possivelmente estejam relacionadas a fatos ocorridos durante a gestação, ou fatores genéticos, neurobiológicos, psicológicos. Para que se obtenha um diagnóstico preciso, é necessário realizar uma série de exames clínicos, avaliações e análises para se obter o resultado. O diagnóstico é analisado a partir dos sintomas que começam a se manifestar nos primeiros anos de idade, portanto não se tem uma idade certa para o surgimento do autismo (GÓMEZ E TERÁN, 2014).

O autismo é uma síndrome, portanto não tem cura, existem tratamentos que ajudam as pessoas autistas e suas famílias a levarem uma vida melhor. As crianças podem melhorar seu desenvolvimento se receberem diagnóstico precoce, que seja dado início ao seu tratamento desde cedo, quanto implementação de uma educação inclusiva, às vezes ela requer muito mais que um acompanhamento do professor da sala regular e do atendimento educacional especializado (AEE).

A criança autista deve ser incluída no ensino em uma escola adequada, com professores qualificados e comprometidos em prepará-la para uma vida com autonomia, pois o grande foco da educação dessas crianças está no processo de aprendizagem, então a presença dos Acompanhantes Terapêuticos (AT) tem sido uma prática utilizada no processo de inclusão escolar de crianças com necessidades educativas especiais.

Diante disso, esse artigo apresenta como problemática: qual a importância do acompanhante terapêutico na inclusão da criança autista? Temos como objetivo relatar a experiência do acompanhamento terapêutico no processo de inclusão de uma criança autista na escola.

A escolha desse tema é justificada pela necessidade de reconhecer o trabalho pedagógico do acompanhante terapêutico, refletindo sobre suas ações, contribuições e desafios, tendo como metodologia um relato de experiência.

O artigo está organizado em 4 partes, a primeira o referencial teórico comum breve histórico sobre o Autismo, segunda sobre Inclusão Educacional, a terceira o relato de experiência e por fim as considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Breve Histórico sobre Autismo

Por muito tempo, acreditava-se que o “autismo infantil” se devia a um mau relacionamento com a mãe ou uma deficiência biológica, mas essa hipótese foi descartada ao longo da evolução dos conhecimentos sobre autismo. Isso porque na década de 70, existia a “Teoria da Mãe Geladeira”, em que se acreditava que a mãe se afastava do filho, ou seja, que ela não era capaz de gerar um vínculo com a criança.

Autismo é um distúrbio do desenvolvimento que se caracteriza por alterações presentes desde idade muito precoce, tipicamente antes dos três anos de idade, com impacto múltiplo e variável em áreas nobres do desenvolvimento humano como as áreas de comunicação, interação social, aprendizado e capacidade de adaptação (MELLO, 2007, p.17)

Embora a definição de autismo seja voltada para a criança, o autismo não desaparece quando elas crescem, elas vão continuar com características de autistas por toda a sua vida. Os tratamentos irão ajudar bastante a vida e o desenvolvimento dessa criança. Esses tratamentos incluem: Acompanhamento com profissionais da Psicopedagogia, Hidroterapia, Ecoterapia, Fisioterapia, Fonoaudiologia, entre outros.

[...] é sempre difícil situar com precisão a idade exata de surgimento do autismo. Frequentemente os pais percebem os distúrbios no momento em que tomam consciência de que seu filho não atingiu um determinado estágio de desenvolvimento (como a aquisição da linguagem ou socialização) e só a reconstituição muito precisa dos primeiros anos de vida poderá revelar que sintomas estavam presentes mais cedo. (LEBOYER, 1987, p. 19).

Segundo ONU-BR (Nações Unidas no Brasil) “Pessoas autistas devem ser reconhecidas como os principais especialistas em autismo e sobre as suas próprias necessidades”.

De acordo com Cunha (2015), o termo autismo se origina do grego *autós*, que significa “de si mesmo” e foi usado pela primeira vez em 1911, pelo psiquiatra suíço Eugene Bleuler para descrever pacientes com esquizofrenia.

Apenas em 1943 foram publicadas as primeiras pesquisas relacionadas ao autismo pelo psiquiatra austríaco Leo Kanner, a princípio ele observou onze crianças, sendo oito meninos e três meninas, todos fisicamente normais, mas que possuíam inabilidades de se relacionar com outras pessoas, as crianças apresentavam atrasos na aquisição da fala,

comportamentos repetitivos, sensibilidades e dificuldades motoras e ele os considerou com “autismo infantil precoce”.

Ao longo da evolução dos conhecimentos sobre Autismo, Kanner em 1949, distinguiu um subtipo de autismo, o “autismo secundário”, quando a criança parece se desenvolver normalmente até os dois anos de idade, mais depois se retrai, perde a linguagem e o desenvolvimento social.

Em 1944, Hans Asperger desenvolveu uma tese na Alemanha e usou o termo “psicopatia autista” para se referir a crianças com um conjunto de sinais semelhantes ao de Kanner. As pessoas com Síndrome de Asperger possuem aptidões matemáticas e excelente memória para guardar datas e números, mas desenvolvem também obsessões compulsivas.

Ao contrário do autismo, essa síndrome não apresenta nenhum atraso na linguagem, no desenvolvimento cognitivo ou nas habilidades. As crianças com Asperger têm inteligência superior e aptidões para a lógica, a maioria delas tem inteligência normal, mas é comum que seja desarticulada com as dificuldades extremas.

A Lei nº 12.764/12 caracteriza o autismo como uma deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação sociais, manifestada por deficiência marcada de comunicação verbal e não verbal usada para interação social; ausência de reciprocidade social; falência em desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento.

De acordo com Cunha (2015) as crianças autistas fazem o uso insatisfatório de sinais sociais, emocionais e de comunicação, pois:

A comunicação não-verbal é bastante limitada, as expressões gestuais são inexistentes, por que a criança não atribui valor simbólico a eles. (...) não aponta, não faz gestos que expressam pedidos. (CUNHA, 2015, p. 24)

A criança possui dificuldade de responder a sinais visuais, é resistente a mudanças de rotinas, não se relaciona com o outro de maneira normal, ignora objetos ou pode haver grande apego a objetos estranhos como folhas, papeis, tijolo, entre outros.

De acordo com Gómez e Terán (2014), o autismo possui três sintomas clássicos, são esses:

- Interação social limitada;
- Problemas com a comunicação verbal e não-verbal e com a imaginação;

- Atividades e interesses limitados ou pouco usuais. Podem ter dificuldade em manter uma conversação ou olhar alguém diretamente nos olhos.

Alguns comportamentos comuns característicos do autista são descritos por Cunha (2015), como por exemplo:

- Retrair-se e isolar-se das outras pessoas;
- Não manter contato visual: Esse é um dos primeiros sinais que o autista apresenta, pois quando bebê, ele não fixa o olhar na mãe;
- Resistir ao contato físico: Eles não gostam se ter tocados nem abraçados;
- Resistência ao aprendizado;
- Não aceitar mudanças de rotinas;
- Sensibilidade a barulhos: Quando estão em ambientes com muito barulho, as crianças geralmente ficam bastante agitadas;
- Estereotípias: São movimentos repetitivos que a criança faz, que nela causam sensações de prazer;
- Ecolalias: Repetição vocálica de palavras, sílabas ou sons.

Para o Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais – DSM, o autismo é uma categoria de transtornos, para diagnosticar um sujeito autista é preciso que ele se encaixe em alguns critérios como mostra o quadro 1 a seguir:

Quadro 1: Critérios Diagnósticos dos Transtornos do Espectro Autista

DSM-V: Critérios diagnósticos dos Transtornos do Espectro Autista 299,00 (F84.0)	
A	Deficiências persistentes na comunicação e interação social: <ol style="list-style-type: none"> 1. Limitação na reciprocidade social e emocional; 2. Limitação nos comportamentos de comunicação não verbal utilizados para interação social; 3. Limitação em iniciar, manter e entender relacionamentos, variando de dificuldades com adaptação de comportamento para se ajustar as diversas situações sociais.
B	Padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades, manifestadas pelo menos por dois dos seguintes aspectos observados ou pela história clínica: <ol style="list-style-type: none"> 1. Movimentos repetitivos e estereotipados no uso de objetos ou fala; 2. Insistência nas mesmas coisas, aderência inflexível às rotinas ou padrões ritualísticos de comportamentos verbais e não verbais; 3. Interesses restritos que são anormais na intensidade e foco; 4. Hiper ou hiporreativo a estímulos sensoriais do ambiente.
C	Os sintomas devem estar presentes nas primeiras etapas do desenvolvimento. Eles podem não estar totalmente manifestos até que a demanda social exceder suas capacidades ou podem ficar mascarados por algumas estratégias de aprendizado ao longo da vida
D	Os sintomas causam prejuízo clinicamente significativo nas áreas social, ocupacional ou outras áreas importantes de funcionamento atual do paciente.
E	Esses distúrbios não são melhores explicados por deficiência cognitiva ou atraso global do desenvolvimento.

No Site Autismo e Realidade 2013, os autores descrevem seis características essenciais de intervenções efetivas para as crianças com Transtorno do Espectro Autista:

- Iniciar os programas de intervenção o mais cedo possível;
- Tratamento intensivo, 5 dias por semana, por no mínimo 5 horas por dia;
- Uso de oportunidades de ensino planejado repetidas, que sejam estruturadas durante breves períodos de tempo;
- Suficiente atenção adulta, individualizada e diária;
- Inclusão de um componente familiar, incluindo treinamento para os pais;
- Mecanismos para avaliação contínua, com ajustes correspondentes na programação.

2.2 Inclusão Educacional

A Política de Inclusão de Crianças especiais na Escola tem repercutido em todo o mundo, pelo fato de haver muitas crianças que necessitam de um atendimento educacional especializado para que não haja prejuízos na sua vida educacional e social.

A compreensão da educação como um direito de todos reforça a ideia de construir escolas inclusivas, que contem com redes de apoio à inclusão. A Legislação obriga a escola a acolher e matricular todos os alunos, independentemente de suas necessidades ou diferenças como consta no Capítulo III da Constituição:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Na Lei nº 9394/96 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), por outro lado, diz que:

DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais.

§1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender as peculiaridades da clientela de educação especial.

§2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns do ensino regular.

§3º A oferta da educação especial, dever constitucional do Estado, tem início na faixa etária de zero a seis anos, durante a educação infantil.

No artigo 58 da LDB nota-se que nela o ideal é contemplar uma educação especial com qualidade, com profissionais adeptos a trabalhar com crianças com necessidades educacionais especiais. A lei expressa que a educação especial deve ser oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, promovendo a inclusão do aluno, sempre que possível nas salas de aulas regulares e o atendimento educacional especializado oferecido à parte, devendo ser ministrado em horário oposto das aulas regulares.

Já no artigo 59 da LDB consta que:

Art. 59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais:

I – currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades;

II – terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados;

III – professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;

IV – educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artística, intelectual ou psicomotora;

V – acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais suplementares disponíveis para o respectivo nível do ensino regular.

No artigo 59 da LDB, os sistemas de ensino deverão assegurar ao educando recursos para o seu aprendizado, como currículos, métodos, técnicas, entre outros. Os professores devem ter especialização adequada, com capacidade para integrar esses educandos na sala comum, visando a sua integração para a vida social e o trabalho.

Por outro lado, para que as instituições de ensino possam atender essas obrigações, elas deverão se adequar e se organizar para melhor atender essas crianças. A instituição deve conceder condições essenciais para melhorar o trabalho do profissional.

2.3 Acompanhamento Terapêutico

O Acompanhamento Terapêutico Escolar (ATE) é uma modalidade de atendimento que dedica o cuidado de pessoas com Transtornos, Síndromes ou deficiência física. O AT é um recurso que vem sendo muito utilizada pelas escolas no processo de inclusão de crianças com necessidades especiais. Como aponta Barros e Brandão (2011) “Hoje, o AT tem sido utilizado cada vez mais como recurso auxiliar no processo educacional de crianças com graves distúrbios de desenvolvimento”.

O papel do acompanhante dentro da escola é fazer a mediação do aluno (a) nas atividades pedagógicas e nas atividades diárias como se alimentar e se higienizar, mas antes de iniciar o seu trabalho ele deverá fazer um levantamento da criança, o que ele precisa, quais são as suas principais necessidades e dificuldades, quais tipos de atividades devem ser feitas e como ele deve agir na sua prática, vale ressaltar que o AT não substitui o trabalho do professor da sala regular, ele deve auxiliá-lo nas atividades propostas pelo professor junto com o aluno.

Segundo Assali (2006) “O trabalho do acompanhante terapêutico é cada vez mais usual nas escolas particulares e surgiu da tentativa de possibilitar a inclusão de crianças graves no universo escolar propriamente dito”. Portanto, a prática desse profissional vem sendo reconhecido pouco a pouco como recurso principal da inclusão.

De acordo com Fráguas (2002):

O trabalho do A.T. dentro da escola consiste em um acompanhamento da criança durante todo o período escolar, dentro e fora da sala de aula, procurando integra-la ao grupo de crianças, assim como envolve-la nas atividades propostas pelo professor, sempre levando em conta seus limites e suas potencialidades. (2002, pág.2)

Portanto, o trabalho desenvolvido pelo acompanhante dentro da escola promove inúmeras possibilidades de educar crianças com necessidades especiais, pois toda a sua prática é adaptada às necessidades do aluno. Ele deve ser o agente facilitador, ou seja, deve sensibilizar o professor facilitando na sua intervenção pedagógica, além disso, deve sempre encorajar e estimular o aluno. Atua sobre o ato educativo produzindo um efeito terapêutico, o A.T deve estar atento a tudo em que envolve a criança, tudo o que ele vivencia, o que produz, o que avança ou que retrai.

3 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo tipo relato de experiência sobre A Importância do Acompanhante Terapêutico na inclusão de uma criança autista na escola e suas contribuições durante o período do acompanhamento.

A experiência vivenciada aconteceu em uma escola pública de Campina Grande- PB, no bairro da Liberdade com uma criança com Transtorno do Espectro Autismo (TEA). A escola é bem localizada, com espaço adequado para receber crianças com necessidades especiais, com uma sala de AEE com bastante recursos para atender os alunos, como: jogos pedagógicos, livros, computadores, entre outros.

No início do processo a aluna do sexo feminino estudava no 1º ano fundamental, com 7 (sete) anos de idade e no final do acompanhamento ela estava no 2º ano fundamental com 8 (oito) anos de idade. O Acompanhamento terapêutico aconteceu durante 1 ano aproximadamente, iniciou-se em maio de 2015 e se estendeu até dezembro de 2016.

A criança frequentava a escola às 13:00 às 17:00 da tarde, era atendida nas segundas e quartas feiras na Sala do AEE de 14:00 às 14:40, durante o atendimento o AT fazia parte do acompanhamento. Tanto as professoras da sala regular do 1º e 2º ano tanto do AEE interagiam bem com Alice, fazia leitura de historinhas, brincadeiras e no momento da mediação da atividade sempre chegavam perto para ver como andava o andamento da mesma.

4 O ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO ESCOLAR - RELATO DE EXPERIÊNCIA

Alice (nome fictício) é a filha mais nova de três irmãos, começou a frequentar a escola aos quatro anos de idade em Praia Grande - São Paulo em uma creche pública e veio morar na Paraíba aos seis anos com seus pais e irmãos. As tentativas anteriores em outras instituições foram significativas, na Creche houve o maior avanço da criança, foi quando ela começou a falar e interagir com as outras crianças, mas o trabalho com o AT promoveu também um avanço surpreendente.

A sua pediatra de São Paulo, ao constatar que o seu problema era neurológico, já encaminhou Alice para um neurologista da mesma cidade. Já residindo na cidade de Campina Grande- PB, foi encaminhada para fazer tratamento com fonoaudiólogo, psicólogo e fazer terapia ocupacional antes mesmo de ter fechado o diagnóstico. Esse foi o principal ponto de

partida para o seu bom desenvolvimento de hoje, um diagnóstico precoce e um tratamento imediato.

O trabalho do AT com Alice iniciou-se em maio de 2015 e se estendeu até dezembro de 2016. Inicialmente, privilegiou-se um planejamento com a professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e da sala regular, para discutirmos sobre as atividades direcionadas para a aluna e as metas para cada final de bimestre.

No início do processo a criança já fazia tratamento com psicopedagogos, fonoaudiólogos, fisioterapeutas, atividades na hidroterapia, e o AT possibilitou trabalhar mais para o desenvolvimento educacional da criança. Então, cabia ao acompanhante definir suas ações com os interesses e desejos de Alice. Somada a limitação de ação que o Autismo traz consigo, havia a necessidade de se estabelecer um vínculo entre as duas, esse vínculo se estabelecia respeitando os limites da aluna frente a sua interação com o ambiente, tentando entrar no seu mundo estereotipado.

O papel do AT na escola é de suprir a necessidade do aluno, um trabalho que, muitas vezes, o professor da sala regular não pode cumprir sozinho. Visando o sucesso escolar, a alternativa mais utilizada foram as atividades lúdicas, Alice demonstrava um enorme interesse por histórias, jogos pedagógicos no computador e pinturas com tinta e pincel, essa sua facilidade de lidar com esses recursos favoreceu o trabalho do AT.

O principal desafio do acompanhante no início do processo foi lidar com a resistência que Alice tinha em fazer as atividades escritas e em escrever seu nome completo, na maioria das vezes ela gritava e chorava muito pra realizá-la, além disso, ela não respeitava os limites de suas pinturas com lápis e giz de cera, ela apenas conhecia algumas consoantes, seu vocabulário continham alguns sons e movimentos estereotipados, como “murmurar”, ficar se balançando na cadeira e andando de um lado para o outro na sala.

No trabalho do AT, privilegiou-se um contato em que todas as suas características fossem respeitadas e que elas servissem para o acompanhante como mais um referencial de mediação pedagógica. O AT tinha como principal função auxiliar no processo de inclusão e educação desse educando. Os tipos de tarefas realizadas na escola eram diferenciados dos demais alunos, o lúdico permitiu um melhor efeito na educação, ao passar dos meses pudemos observar que o trabalho do profissional promovia cada vez mais a autonomia da aluna.

As atividades lúdicas foram as melhores estratégias para dar início à alfabetização de Alice, com o domínio das vogais que ela já tinha, dei início a junção dos encontros vocálicos, como: “Ai”, “Au”, “Ei”, “Eu”, “Ia”, “Oi”, entre outros. Essas atividades consistiam em pintar o dedo com tinta e escrever a sílaba no papel, repetição vocálica, cantar músicas, jogo de

memória, caça palavras e após ela se familiarizar e ter domínio seguiu para as atividades escritas. Algumas dessas tarefas realizadas por Alice podem ser visualizadas nos apêndices A, B e C.

Todo o seu processo consistia nesse sistema, após os encontros vocálicos, partimos para as consoantes que ela já tinha conhecimento, e repetia a mesma estratégia. Até chegar ao ponto em que ela já conseguia juntar duas sílabas diferentes e formar uma palavra. Com a sua dificuldade motora fina, procurava levar sempre uma atividade que estimulasse seu desenvolvimento, essas atividades consistiam em seguir o pontilhado, fazer bolinhas de papel, recortar e colar pedaços de papel em algum desenho e em seguida colorir com giz de cera, pintar dentro do limite entre outras, isso promovia um grande avanço na sua coordenação.

Ao passar do tempo, conforme exemplos dispostos nos apêndices D, E e F, Alice começou a interagir mais com os colegas da sala, participava das aulas fazendo perguntas à professora sobre a historinha, começou a formar, escrever e ler as sílabas, suas pinturas já estavam dentro do limite do desenho e iniciou-se a formar as palavras como: vaca, boca, bala, vela, uva, macaco, entre outras.

As conquistas com Alice no decorrer do ano foram muito significativas, as atividades de intervenções do AT proporcionaram uma oportunidade de laço com o outro, foi sendo construída uma nova relação e aos poucos a criança foi sentindo menos a necessidade de depender do acompanhante para determinadas ações como, por exemplo, lanchar sem auxílio e se higienizar sozinha.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como objetivo reconhecer a importância da mediação pedagógica do acompanhante terapêutico (AT) no ambiente escolar. Considerando a função e as contribuições do acompanhante na vida de Alice, foi possível observar que o AT foi sem dúvidas um agente facilitador no processo de inclusão e escolarização da aluna.

A presença do acompanhante dentro da escola funcionou como estratégia para a inclusão escolar e escolarização, possibilitando novos métodos pedagógicos, pois mesmo com limitações e comprometimentos pode-se dizer que a criança está estudando, está em uma sala de aula aprendendo, sendo estimulada a aprender, se socializar e incluída no processo educacional.

Diante dessa experiência como acompanhante terapêutica escolar, ficou fácil observar que o trabalho não se detém só de vitórias, mais também de desafios e frustrações. Sendo

assim, é importante que o profissional se capacite a cada dia, procurando novos métodos, novas estratégias e estudar para melhorar ainda mais o desenvolvimento do seu aluno. A formação do acompanhante ultrapassa os limites da sala de aula, trata-se de um processo contínuo composto de inúmeras leituras e aprofundamentos no conteúdo. O esforço, a dedicação, a perseverança e o apoio da família possibilitou ter resultados satisfatórios, a prova disso foi o seu avanço significativo durante o acompanhamento.

A vivência como acompanhante trouxe bastante proveito para mim como educadora e os resultados foram muito satisfatórios. As experiências vivenciadas traduziram uma grande construção de conhecimentos complementares sobre inclusão de crianças com necessidades especiais e a atribuição desse profissional em sua prática.

Consideramos que este estudo de grande relevância possa levar outras pessoas a acreditarem que é possível e satisfatório incluir essas crianças no âmbito escolar, desenvolver uma educação inclusiva não é fácil, mas é extremamente necessário. É importante que haja encorajamento e busca por esse profissional, para que eles possam contribuir ainda mais para o bem-estar dessas crianças, fazendo com que levem uma vida com mais autonomia.

IMPORTANCE OF THE THERAPEUTIC COMPANION IN THE INCLUSION OF AN AUTISTIC CHILD AT SCHOOL: AN EXPERIENCE REPORT

ABSTRACT

This paper has as a goal to know the importance of pedagogical mediation of therapeutic companion (TC) into the school field. To this, we related the experience that we lived at a public school in Campina Grande, Paraíba. This project has been developed along a year and seven months and comes promoting arguments about the job of a TC, such as its contributions and challenges. We have as a focus of argument, the job of a TC to a child with Autism Specter Disorder (ASD), regular 2nd grade student, female, eight years old. As theoretical reference to such argument, we used authors as Leboyer (1987), Gómes and Terán (2014), Cunha (2015), among others and reading of guiding documents about Inclusive Education as the “Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais – DSMV” and the Brazilian law 9394/96 that refers to Special Education.

Keywords: Therapeutic Companion. Autism. Pedagogical Mediation. Inclusive Education.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais DSM-5**. 2014. Disponível em:

<[http://www.orlandopereira.com.br/clipping/Transtorno do Espectro Autista \(DSM-V\) Critérios diagnosticos.pdf](http://www.orlandopereira.com.br/clipping/Transtorno_do_Espectro_Autista_(DSM-V)_Critérios_diagnosticos.pdf)>. Acesso em: 10/12/2016.

ASSALI, Andréa Maia. Inclusão escolar e acompanhamento terapêutico: possibilidade ou entrave. In: **Proceedings of the 6th Psicanálise, Educação e Transmissão**. 2006. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032006000100017&lng=pt&nrm=abn>. Acesso em: 13/03/2017.

Instituto Pensi, **Tratamentos do Autismo**. Disponível em:

<<http://autismo.institutopensi.org.br/informe-se/sobre-o-autismo/tratamentos-do-autismo/>>. Acesso em: 19/12/2016.

BARROS, J.F; BRANDÃO, D. B. S. R. Acompanhamento terapêutico: (re) pensando a inclusão escolar. In: **X Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional**. 2011 Maringá. PR. Disponível em: <<http://www.abrapee.psc.br/xconpe/trabalhos/1/39.pdf>>. Acesso em: 13/03/2017.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Lei nº 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional – 1996, Capítulo. V, DA EDUCAÇÃO ESPECIAL Art. 58 e 59**. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn2.pdf>. Acesso em 05/01/2017.

BRASIL, **Presidência da República Casa Civil, Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990**. Lei nº 12.764/12. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm>. Acesso em 19/12/2016.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. Rio de Janeiro: Wak, 2015.

FRÁGUAS, Veridiana. **Algumas reflexões sobre uma experiência de acompanhamento terapêutico dentro da escola**. São Paulo, 2002. Disponível em:

<<http://documentslide.com/documents/algumas-reflexoes-sobre-uma-experiencia-de-acompanhamento-terapeutico-dentro-da-escola1.html>>. Acesso em: 13/03/2017.

GÓMES, Ana Maria. TERÁN, Nora Espinosa. **Transtorno de Aprendizagem e Autismo**. São Paulo: Ed. Grupo Cultural, 2014.

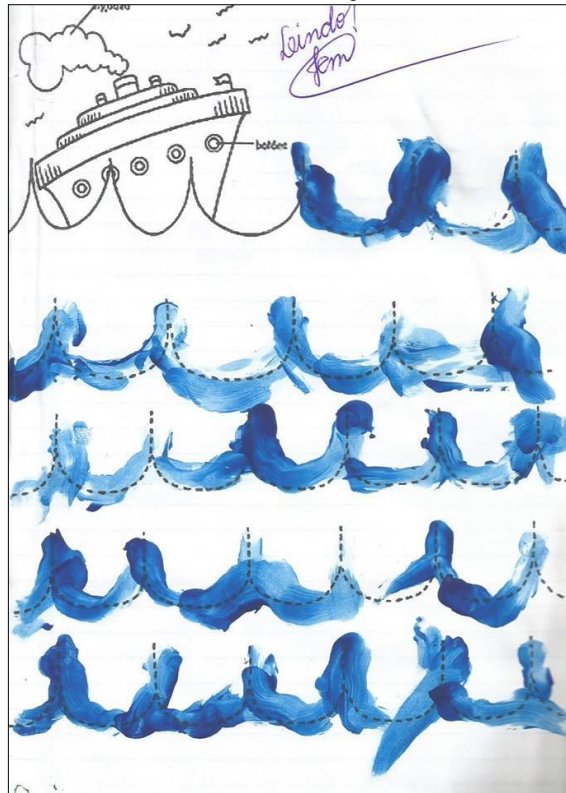
LABOYER, Marion; DALGALARRONDO, Rosana Guimarães. **Autismo infantil: fatos e modelos**. Campinas: Papirus, 1987.

MELLO, Ana Maria S. Ros de. **Autismo: Guia Prático**. 7 ed. São Paulo: AMA; Brasília: CORDE, 2007.

ONU BR, Organização das Nações Unidas no Brasil. **Especialistas da ONU em direitos humanos pedem fim da discriminação contra pessoas com autismo**. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/especialistas-em-direitos-humanos-da-onu-pedem-fim-da-discriminacao-contr-pessoas-com-autismo/>>. Acesso em 19/12/2016.

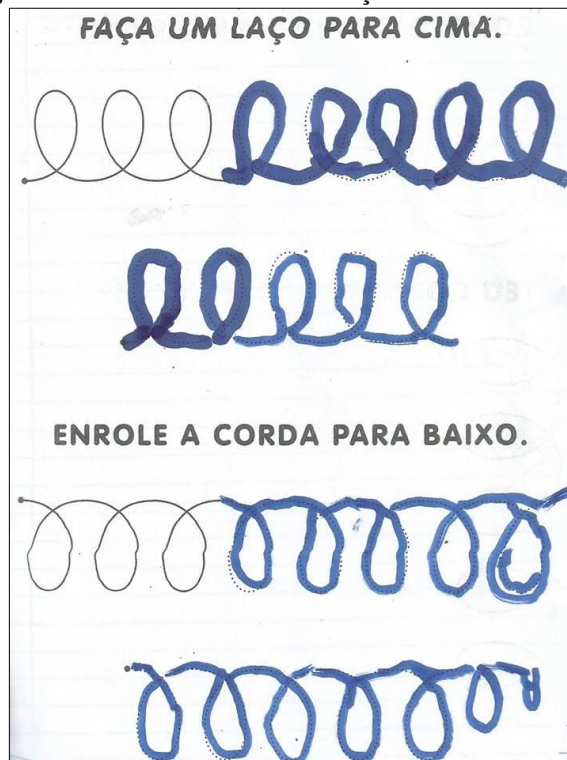
APÊNDICE A – TRABALHANDO A COORDENAÇÃO MOTORA

Figura 1: Trabalhando a coordenação motora com os dedos



Fonte: Imagens produzidas pela autora (2015).

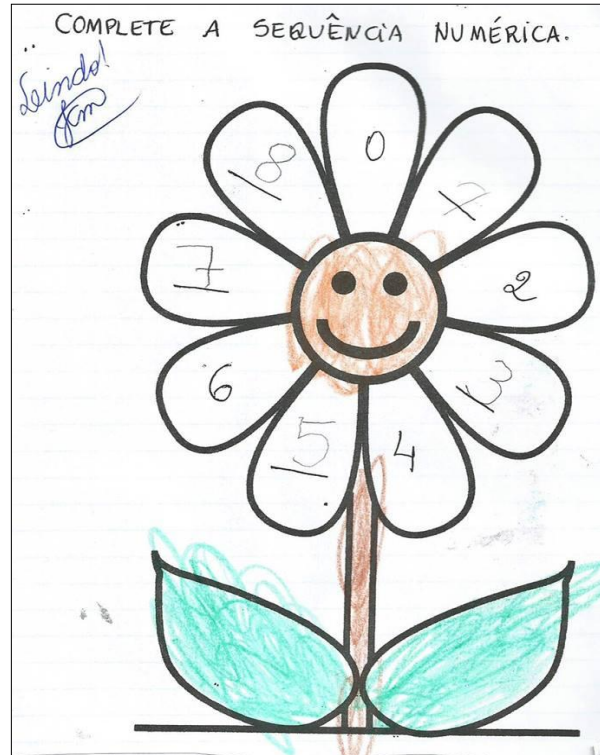
Figura 2: Trabalhando a coordenação motora com o lápis



Fonte: Imagens produzidas pela autora (2015).

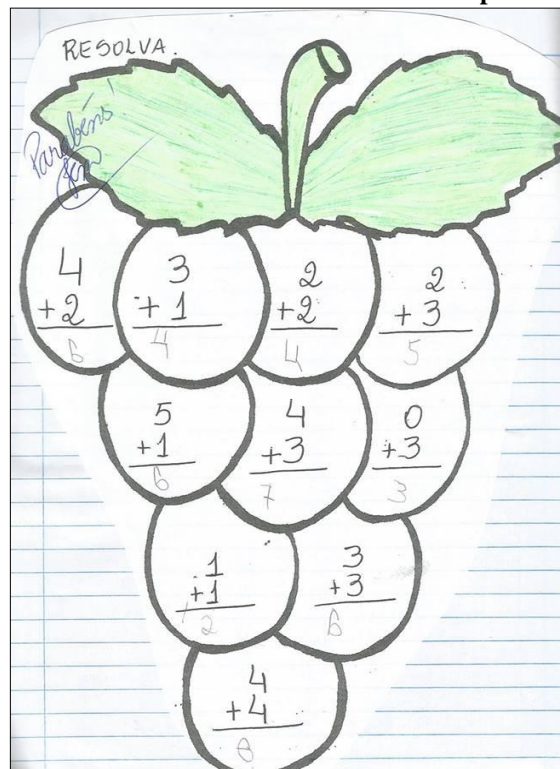
APÊNDICE B – TRABALHO COM NUMERAIS NO INÍCIO E FIM DO ACOMPANHAMENTO

Figura 3: Trabalhando com numerais no início do acompanhamento



Fonte: Imagens produzidas pela autora (2015).

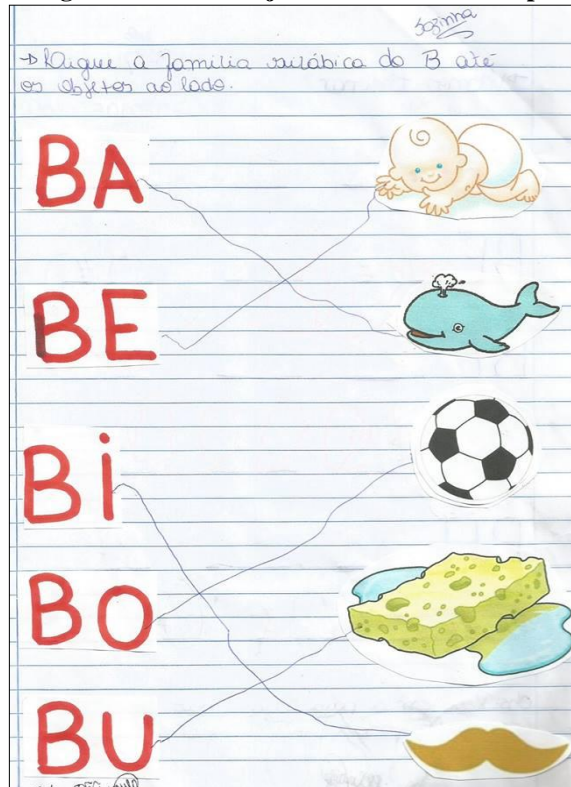
Figura 4: Fazendo continhas no final do acompanhamento



Fonte: Imagens produzidas pela autora (2016).

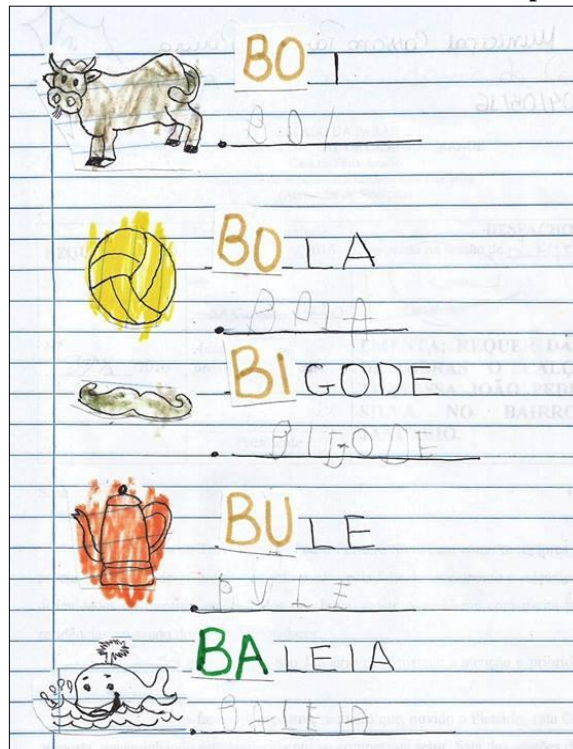
APÊNDICE C - TRABALHO COM SÍLABAS NO INÍCIO E FIM DO ACOMPANHAMENTO

Figura 5: Ligando sílabas a objetos no início do acompanhamento



Fonte: Imagens produzidas pela autora (2015).

Figura 6: Trabalhando com sílabas no início do acompanhamento









Fonte: Imagens produzidas pela autora (2015).

Figura 7: Trabalhando sílabas no início do acompanhamento

Atividade de classe

4 - PINTE AS SÍLABAS DAS FIGURAS E ESCREVA O NOME DELAS.

	NA	BA	VA	LA
	BALÃO			
	LO	VA	PO	CA
	FAVO			
	CU	MI	Ó	LOS
	ÓCULOS			
	LA	BE	BO	MO
	BOLA			
	DE	JO	MO	LA
	MOLA			
	BA	LO	GA	BO
	BOLO			

<http://varaldeatividades.blogspot.com>

Fonte: Imagens produzidas pela autora (2015).

Figura 8: Formando palavras com sílabas no início do acompanhamento

FORME PALAVRAS COM AS SÍLABAS QUE SE ENCONTRAM A SEGUIR E ESCREVA-AS COM LETRA CURSIVA.

1	LA	2	LE	3	LI	4	LO	5	LU
6	ÃO	7	NE	8	JA	9	NE	10	GA
11	CA	12	VE	13	ME	14	GAR	15	VRO

2 + 6 = LEÃO

8 + 7 + 1 = JANELA

5 + 14 = LUGAR

10 + 4 = GALO

12 + 1 = VELA

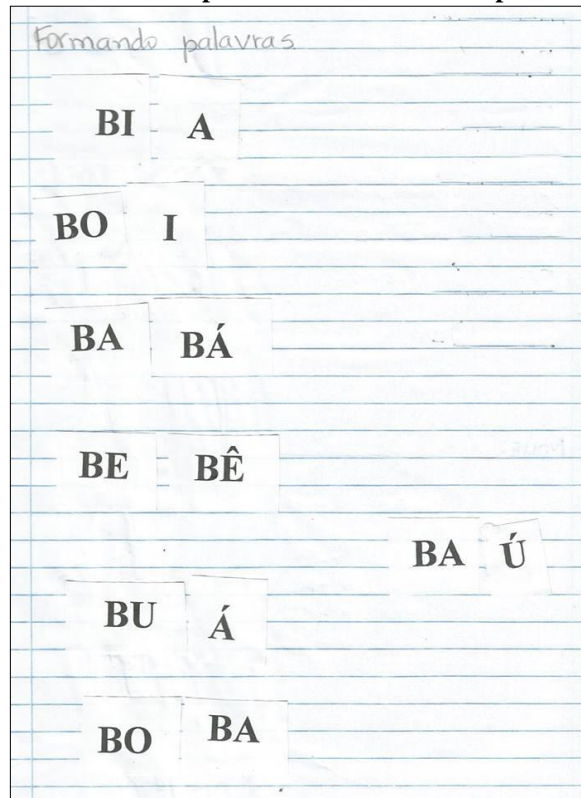
11 + 13 + 4 = TAMELO

3 + 15 = LIVRO

11 + 7 + 1 = JANELA

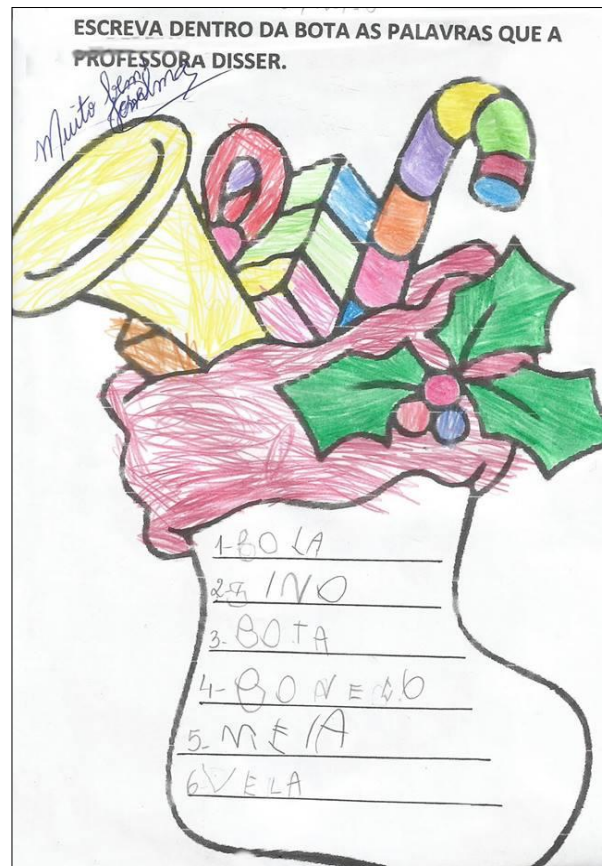
Fonte: Imagens produzidas pela autora (2015).

Figura 9: Formando palavras no final do acompanhamento



Fonte: Imagens produzidas pela autora (2016).

Figura 10: Trabalhando com palavras no final do acompanhamento



Fonte: Imagens produzidas pela autora (2016).

Figura 11: Trabalhando com palavras no final do acompanhamento



Fonte: Imagens produzidas pela autora (2016).

APÊNDICE D – INTERPRETAÇÃO DE IMAGENS

Figura 12: Texto ditado pela aluna e escrito pela acompanhante

Atividade de Classe

Aiiiiiii!

Observe as cenas e continue a história. Dê um nome a cada personagem e não se esqueça do título.

Atividade Oral

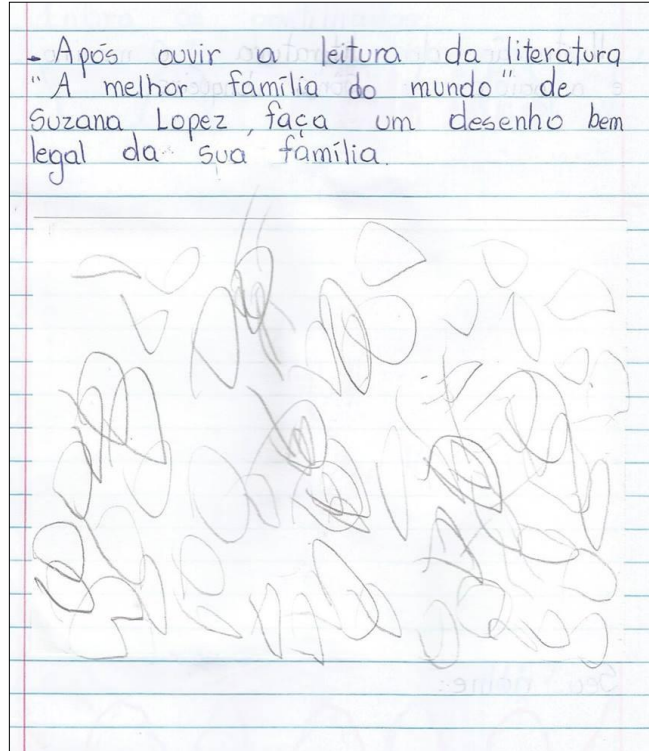
O elefante Bolinha foi ao Médico fazer um exame de vista, o Doutor Macaco pediu para o Bolinha subir no balança e ele quebrou o relógio. O macaco ficou preocupado, o Bolinha pediu desculpas e fez uma promessa que não ia quebrar mais, então o Doutor Macaco concertou o relógio rapidinho.

Bolinha

Fonte: Imagens produzidas pela autora (2016).

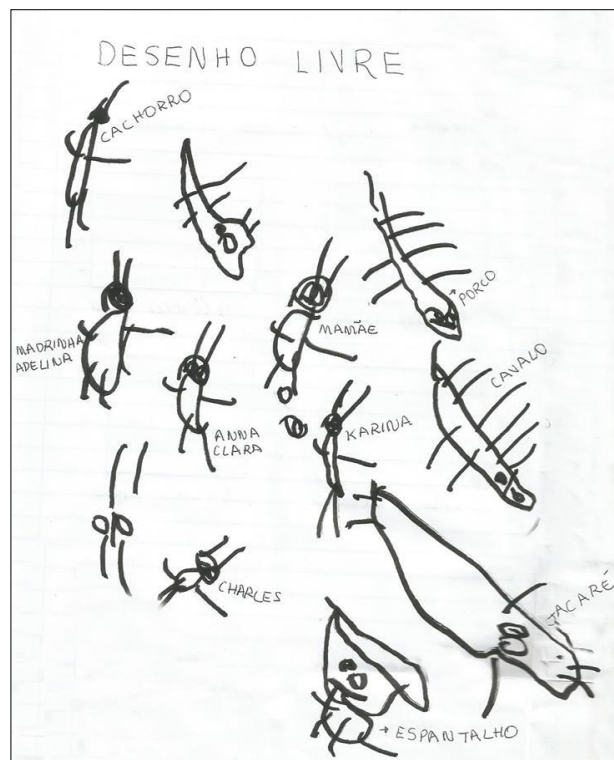
APÊNDICE E - TRABALHO COM DESENHO LIVRE NO INÍCIO E FIM DO ACOMPANHAMENTO

Figura 13: Trabalhando com desenho livre no início do acompanhamento



Fonte: Imagens produzidas pela autora (2015).

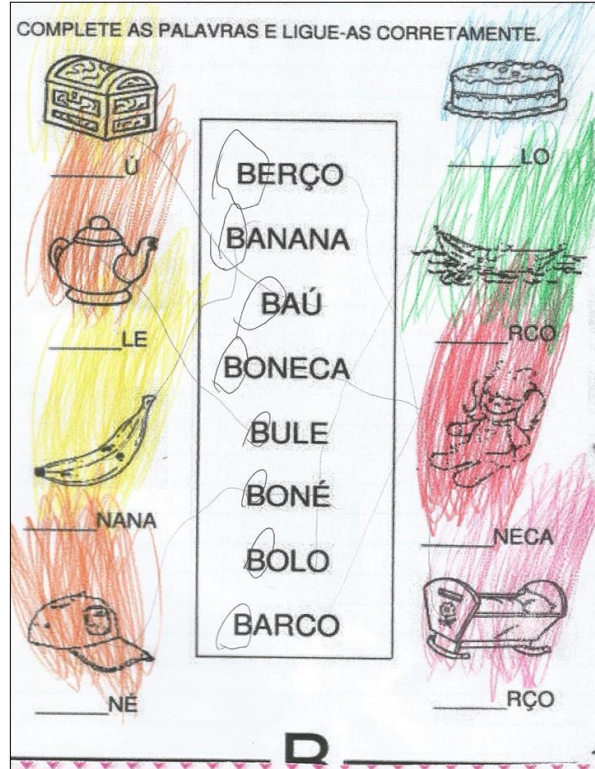
Figura 14: Trabalhando com desenho livre no final do acompanhamento



Fonte: Imagens produzidas pela autora (2016).

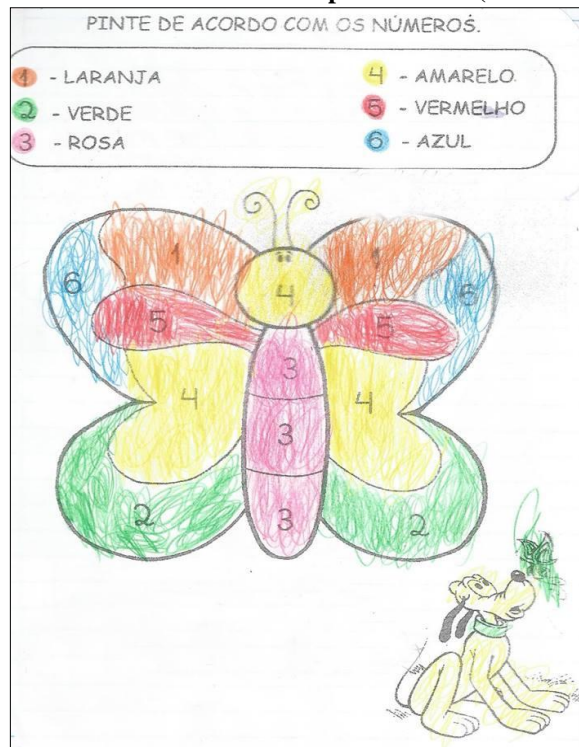
APÊNDICE F - TRABALHO COM PINTURA NO INÍCIO E FIM DO ACOMPANHAMENTO

Figura 15: Pintura no início do acompanhamento (Sem limite)



Fonte: Imagens produzidas pela autora (2015).

Figura 16: Pintura no final do acompanhamento (Dentro do limite)



Fonte: Imagens produzidas pela autora (2016).